



O sol de cada dia no simulacro midiático

Fabio Mario Iorio

Professor associado da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Graduado em Cinema e em Jornalismo pela UFF, possui mestrado em Comunicação e Cultura e doutorado em Ciência da Literatura pela UFRJ.

Resumo

O artigo estabelece o debate teórico jornalístico na redefinição da Notícia como produtora da versão de fatos cotidianos que constrói o sentido (precário) da realidade, ao percorrer as tópicas de outros dois conceitos matriciais: a mercadoria primordial da indústria cultural e a simulação midiática do espetáculo, contextualizando assim o enredo social neoliberal contracenado por personagens da dita era hipermoderna. As tramas dessa narrativa estão eclipsadas no relato descritivo que se constitui como uma ordem universal de redes ilimitadas do imediatismo, só demarcada pelo único império povoado de hedonistas, fetichistas e perversistas. Mas há um resto significante, que possibilita encontrar na sintomática acumulação capitalista a resposta desejante entre a camuflada questão ideológica da informação, onde o silêncio cotidiano significa para o jornalismo.

Palavras-chave: jornalismo; mídia; notícia; indústria cultural; psicanálise.

Abstract

This paper establishes the journalistic theoretical debate in the redefinition of the News as a producer of the version of everyday facts that builds the (precarious) sense of reality, by going through two other fundamental concepts: the main commodity of the cultural industry and the media simulation of the spectacle, contextualizing the neoliberal social plot played by characters from the so-called hypermodern era. The plots of this narrative are eclipsed in the descriptive account that is constituted as a universal order of unlimited networks of immediacy, only demarcated by the only empire populated by hedonists, fetishists and perversists. But there is a significant remainder, which makes it possible to find in the symptomatic capitalist accumulation the desired answer among the camouflaged ideological question of information, where everyday silence means for journalism..

Keywords: journalism; media; news; cultural industry; psychoanalysis..

Relações assimétricas

A preocupação das empresas jornalísticas nas formações sociais nucleares capitalistas lideradas pelos EUA, a partir da primeira metade do século XX, em amenizar o sensacionalismo do noticiário cotidiano através de uma auto-regulamentação do seu discurso em nome da responsabilidade social da imprensa, ultrapassa a pressão governamental e as persistentes acusações dos intelectuais, recaindo na ameaça de perda da credibilidade do público-alvo, como se a base do discurso jornalístico fosse a verdade dos acontecimentos e a imparcialidade do relato. A Notícia constrói os Fatos.

Há uma relação assimétrica entre a Realidade e o Real, que se desdobra em Fato e Acontecimento, e se estende até Versão e Evento. A Realidade, o Fato e a Versão estão interligados e fazem parte da ordem cultural de uma sociedade histórica. O Real é impossível de ser enunciado, mas se revela em Acontecimento (o que houve), que se inscreve no discurso por Eventos (os efeitos).

O reconhecimento do Acontecimento enquanto Fato pode ser concomitante, mas nunca simétrico ou dissimétrico, confrontando-se com a suposição de dois mundos integrados ao entendimento humano: o externo resultante da empiria e o interno como resultado dos fatores psíquicos e sensoriais. Com a contribuição linguística saussureana a linguagem torna-se o estruturante dessa ação, cujo discursante é o animal simbólico habitante do discurso, que se constitui na cena narcísica e o campo do Outro, sem fronteiras entre o fora e o dentro, como um nó, onde se tem o furo unifacial da falta Real a se re-presentar, segundo a releitura psicanalítica lacaneana.

Entre a Notícia e o Fato, estende-se o campo da representação. O Acontecimento vem do Real e o Fato resulta da Versão da Cultura, que produz a Realidade como liame social.

O Real não pode ser dito nem escrito. É o que existe e desde os pré-socráticos se define como *ousia* (incorpóreo), mas sempre se revela, perfurando a estrutura discursiva em seu entrelaçamento com o Simbólico e o Imaginário.

O hiato do Real está em estrutura, que a linguagem organiza pela via simbólica, rompendo definitivo com a coisa (o objeto) como lógica do significante, que é utilizado pelo Inconsciente (ICS), enquanto estruturado como linguagem, caracterizado pelo regime metaforonímico, conforme a segunda fase do pensamento de Jacques Lacan – conhecido principalmente pelos *Escritos*, que se distingue do campo antropológico levystrausseano em *Antropologia estrutural*, já que o primeiro entende que o ICS é Simbólico e não admite a recíproca como verdadeira, conforme a visão de Levy Strauss (o Simbólico é Inconsciente).¹

1

Jacques Lacan. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

Claude Lévi-Strauss. *Antropologia Estrutural e Antropolgia Estrutural 2*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: UBU Editora.

[N. do E.]

No Inconsciente, a falta significa, sendo o único lugar da ação do Sujeito, reconfigurando a metáfora trans-individual hegeleana em *Fenomenologia do espírito* para a definição do ICS em Sigmund Freud, cuja dinâmica gira em torno do rochedo da Castração, o que rompe com todo o pensamento racional ocidental, fazendo abrigar o sujeito na representação do desejo.

Do outro lado fica a Realidade, que tem consistência em sua materialidade, que toma corpo no Imaginário. Esse território abriga as consciências habitantes dos significados sociais, que foram constituídos em Versões da Cultura em constante deslocamento de sentido. Os Fatos sustentam os sistemas de crenças do povoamento cultural, demarcando as ocorrências (eventos) segundo circunstâncias históricas do processo social. Sua verossimilhança traz a distância da arbitrariedade, onde a verdade reserva a sua incompletude.

Acontecimento

O que se considera como Acontecimento na representação do discurso jornalístico é a aproximação do olhar sobre os eventos. Para Miguel Rodrigo Alsina, em *A Construção da Notícia*:

- 1) Os acontecimentos são gerados através de fenômenos que são externos para o sujeito.
- 2) Mas não fazem sentido longe dos sujeitos, pois são eles os que lhes conferem sentido.
- 3) Os fenômenos externos que o sujeito percebe tornam-se acontecimento por causa da ação deste sobre aqueles. Os acontecimentos se compõem das características dos elementos externos, nos quais o sujeito aplica seu conhecimento (Alsina, 2009, p. 114).

Tais Versões sobre Acontecimentos fazem com que Peter L. Berger e Thomas Luckmann, em *A construção social da realidade*, entendam como relação entre Realidade – “Uma qualidade inerente nos fenômenos que reconhecemos como sendo independentes da nossa própria volição” – e Conhecimento, a “certeza de que os fenômenos são reais e de que possuem características específicas” (Berger e Luckmann, 1985, p. 13).

Para os autores, há uma facticidade externa e independente da sua própria atividade, quando o sujeito busca objetivá-la, após internalizá-la como estrutura subjetiva de sentido, o que define e escolhe o Fato no contexto social e cultural.

Essa teoria sociológica do conhecimento estabelece que “a sociedade se transforma em uma realidade sui generis através da objetivação, e o homem é um produto da sociedade através da internalização” (Berger e Luckmann, 1985, p. 15), tendo o Acontecimento uma determinação histórica enquanto Fato, cuja escolha cultural do que é e/ou do que não é depende do que tem e não tem valor social.

A Comunicação faz na rede social o intercâmbio dos discursos com diversas mensagens e mesmo que o agente discursivo desconheça a origem de seus textos enunciados, sempre há uma intertextualidade. O Fato toma lugar do Acontecimento, enquanto Realidade.

O psicanalista Moustafa Safouan, que pertenceu à Escola Freudiana de Paris até 1980, baseando-se no *Esboço de uma psicologia científica* de Sigmund Freud, sustenta que na tópica do Inconsciente há dois princípios reguladores, cuja distinção permite-nos entender o conceito fundamental do Além do Princípio do Prazer.

O primeiro princípio, o Princípio do Prazer, é representante do Processo Primário (regime do ICS) e gerador da identidade perceptiva (registro carimbo do retorno constante daquilo percebido pela primeira vez), onde se alucina o objeto. Desenvolve-se pelo Princípio da Realidade, pois por ele é preservado.

O segundo princípio, o Princípio de Realidade, é o representante do Processo Secundário e gerador da identidade do pensamento, que se subordina ao Princípio do Prazer. Com isso, a Realidade é um princípio precário e fundamental para o enlaçamento social e para a ação do Sujeito diante da Lei do desejo.

Na releitura de Moustafa Safouan sobre o *Esboço de uma psicologia científica*, ele situa o Inconsciente como o Outro lugar onde o ser humano se relaciona com o mundo, tendo a pedra angular o Processo Primário:

A questão sobre a qual Freud se interroga nesse texto é, portanto, a seguinte: por que a representação pela qual o sujeito se interessa mais não é a que vem à luz da sua consciência? Há aí um fato tanto mais “surpreendente” quanto é essa representação do desejo (*Wunschvorstellung*) que comanda (Safouan, 1980, p. 22).

E onde está a surpresa?

A ordem do processo primário, portanto, é da ordem da significância. Ordem dos achados e ou de tropos, onde o sujeito é sempre surpreendido por aquilo que acha. Isso quer dizer que a significância não se produz onde há “um sentido oculto”, mas sim onde o sujeito não sabia (Ibid., p. 31).

Como resposta à oposição dos princípios, o Além do Princípio do Prazer significa o desejo, que distinto de qualquer revestimento moral e da experiência da satisfação (elaboração secundária da necessidade), vincula-se à estruturação da intrasubjetividade pelos mecanismos da linguagem:

Esse além é um fora que não tem nada a ver com o fora perceptivo, já que apresenta o termo e o alvo deste, mas é também um vazio central em torno do qual gravita o movimento das re-presentações segundo o princípio de prazer (Safouan, 1980, p. 42).

O que a Mídia escolhe para representar como Acontecimento demarca as etapas de seus sistemas, sendo que tais etapas são determinadas pela sociedade histórica, que estabelece o grau de transcendência originada na legitimidade da personagem protagonista e/ou do tema desenvolvido, ambos articulados à publicação noticiosa como Fato.

Os momentos históricos determinam o grau de transcendência social dos Eventos. Para Alsina, os séculos XV/XIX (primeira metade) tiveram o advento da imprensa, que não modificou o grau elitista das informações manuscritas, de um lado pelo analfabetismo e do outro pelas condicionantes distâncias, ficando o consumo e o controle para a classe dominante e para o poder público. A oralidade permaneceu forte, principalmente com as informações locais entre a classe dominada.

Na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, deu-se o surgimento da comunicação de massa, que levou a imprensa jornalística a ter o papel de transmissão, comentário e descoberta de variados tipos de fatos para todos (alfabetizados ou não), trazendo de um lado a função política da “imprensa dos partidos” de caráter doutrinário e, do outro lado, com o aparecimento de empresas jornalísticas e seus parques gráficos, a tornar-se “sensacionalista”, moldada na mercantilização.

A partir da segunda metade do século XVIII nasce o jornalismo informativo e descritivo cotidiano e diante da consolidação das Indústrias Culturais na chegada do século XX, o Fato passa a resultar da própria Mídia, multiplicando-se em quantidade pela rapidez do processo produtivo, que acelera o caráter morfológico da informação, em que a opinião sobre o noticiado estende-se em novas Notícias. Assim como se tem na velocidade da informação o caráter espacial da internacionalização e o imediatismo do extraordinário ou das convenções sociais violentadas, tanto na cobertura de eventos quanto no relato dos Fatos há a lei totalitária do espetáculo, em nome do show das massas, que buscam suas virtualidades imaginárias.

O acontecimento é o maravilhoso das sociedades democráticas. Através da reprise ao vivo dos principais acontecimentos, retiram-lhe seu específico caráter histórico para projetá-los nas vivências quotidianas das massas. Paralelamente à democratização do acontecimento, ampliam-se os critérios do acontecer social e se produz sua espetaculosidade (Alsina, 2009, p. 128).

O jornalismo hoje desvanece o Evento com sua Realidade Midiática, ultrapassando o olhar humano com sua extensão tecnológica ampliada e selecionada. A cobertura jornalística isola e repete constantemente o Evento, construindo a participação afetiva de seu público, eliminando o papel documental do registro e alheio ao Acontecimento, isso não significa falso ou verdadeiro, já que é a representação da Realidade.

Os Fatos narrados caracterizam a sociedade em seu sistema de valor (Imaginário Coletivo), que viabiliza a Realidade, constituindo a imagem da própria emissão e demonstrando a forma de transcendência social.

Precisamos levar em conta que os meios de comunicação conformam um horizonte espacial cognitivo e emotivo através do qual se estabelecem as fronteiras que definirão os limites entre “nós” e “eles”. Ou seja, os meios de comunicação concretizam processos de construção de identidade (Ibid., p. 131).

Nelson Traquina resalta que na teoria interacionista a Notícia resulta de interações entre jornalistas e fontes e entre os próprios jornalistas, que formam uma comunidade interpretativa. A interação troca experiências, saberes, convívio, linguagem específica e gera consenso, onde se suporta a disputa do sentido da Realidade e interligam-se verdade e poder.

O valor do imediatismo entre os membros da comunidade jornalística é apenas um entre outros que marcam a cultura jornalística [...]. A ideologia jornalística e a sociedade fornecem igualmente um ethos que define para os membros da comunidade jornalística que o seu papel social é de informar os cidadãos e proteger a sociedade de eventuais abusos do poder, ou seja, toda a concepção de jornalismo contra-poder” (Traquina, 2005, p. 202).

O Fato construído pela Notícia faz nascer o sol cotidiano, que ilumina o Espetáculo da Cultura das Mídias, onde os eventos são simulacros de acontecimentos sociais.

A pauta e agenda

A cultura contemporânea advém dos efeitos hegemônicos da midiática, que regula o tráfico informacional em uma produção massiva, modista e egóica. O fenômeno da mídia não se situa como um mero resultado do avanço tecnológico comunicacional, inscreve-se no lugar central do ordenamento do necessário do Capitalismo vigente.

No período do exílio norte-americano, os pioneiros da Escola de Frankfurt Theodor W. Adorno e Max Horkheimer produziram duas obras singulares para o debate atual do processo de midiática: *A Dialética do Iluminismo (Esclarecimento)* e *A Crítica da Personalidade Autoritária*.²

No primeiro livro, foi feita a revisão da proposta do Instituto de Pesquisa Social, de que eram os principais mentores e onde desenvolveram a Teoria Crítica da Sociedade Moderna. Essa revisão resultou do novo contexto em que estavam inseridos e representou novo debate sobre a modernidade.

No contexto alemão dos anos 1920 e 30, apostavam no conceito de moderno enquanto fusão da razão crítica e tecnologia, baseando-se no marxismo romântico do progresso material, em que se supõem os efeitos políticos das forças produtivas avançadas provocando o aumento espontâneo da consciência das massas.

No contexto da Universidade de Columbia dos anos 1940, os autores alemães reverterem sua perspectiva de modernidade, passando ter uma posição pessimista, que só localiza os efeitos ideológicos dessas forças produtivas avançadas, servindo-se, assim, de uma nova base marxista, substituindo os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* pelo *O Capital*.

Tal revisão ficou explícita com o capítulo denominado Indústria Cultural, que ao mesmo tempo fez uma autocrítica e elaborou uma dupla resposta aos teóricos da Escola Norte-Americana denominada Mass Communication Research e a Walter Benjamin.

Como autocrítica, Adorno e Horkheimer associaram o moderno à barbárie, sendo acusados posteriormente pelo semiólogo italiano Umberto Eco de apocalípticos. Responderam ao mestre Walter Benjamin em sua *Estética Vanguardista da Arte Reprodutiva*, que acreditava no trauma da modernidade como extinção da Aura e acusaram os integrados estudos norte-americanos, que conceberam o conceito de Cultura de Massa baseado na relação de audiência.³

Para Benjamin, situaram a presença de uma Nova Aura na Fetichização da Arte Reprodutiva, sem aceitar o posicionamento mate-

2

Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Trad. Guido Antonio de Almeida. *Diáletica do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.

Theodor W. Adorno. Trad. Francisco Lopez Toledo Correa, Virginia Helena Ferreira da Costa, Carlos Henrique Pissardo. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Ed. UNESP. Na publicação original [*The Authoritarian Personality*], de 1950, Adorno divide a autoria com Levinson, Sanford e Frenkel-Brunswik.
[N. do E.]

3

Umberto Eco. Trad. Pérola de Carvalho. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Ed. Perspectiva.

Walter Benjamin. Trad. Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Ed Zouk.
[N. do E.]

rialista da política da arte, em nome da concepção substancialista de Adorno. E para os integrados situaram o compromisso hegemônico da Mídia no Capitalismo, já que estavam comprometidos com pesquisas de caráter empiricista (de dimensão quantitativa), pragmática (mais política que científica) e utilitarista (para obter resultados), constituindo teorias sobre funções e efeitos do sistema de comunicação de massa, atendendo os interesses mercadológicos e administrativos, das empresas e do governo, respectivamente.

No segundo livro, que serviu de paralelo ao contexto dos EUA, Adorno e Horkheimer aproximam as práticas nazistas ao marcarthismo em uma vasta documentação, demonstrando que o fracasso alemão é precursor do regime atual, já que relacionam sociedade de massas, mídia e totalitarismo.

A Indústria Cultural surge no período dos oligopólios capitalistas, reunindo empresas e gestões empresariais, concentrando mercados e atuando como o principal negócio do sistema, pois escoa produção, mão-de-obra, tecnologia e capital e produz um produto especial e essencial para o ordenamento do necessário.

Como Sistema Unitário produz a mercadoria primordial, que se vende e vende as demais mercadorias, sendo o valor anterior de qualquer estratégia de comercialização. Sua produção utiliza tipos de padronização uniforme, resultante do esquematismo industrial, que se suporta da pesquisa científica, do planejamento e da administração do marketing.

Como melhor expressão da modernidade, a midiatização serve-se de uma Racionalidade Técnica, submetida à lógica do Capital, realizando a coisificação do Fetichismo da Mercadoria, o que deixa exposto o sintoma coletivo da Mais-Valia.

Sendo assim, a Indústria Cultural pratica o encontro do Econômico com o Ideológico, no papel de produção e reprodução sistêmica, oferecendo a Ideologia Dominante, tanto por circular em todas as instituições culturais de forma predominante, quanto por exercitar o princípio mercantil da informação.

Articula ainda a informação com o entretenimento, transformando a cultura em espetáculo, que prima pela estilização estética e pelo hedonismo, causando na dupla Adorno e Horkheimer uma recusa moralista e anti-hedonista, que se baseia na Teoria da Alienação hegeleana para formular uma concepção saudosista, elitista e melancólica.

Outras concepções posteriores apresentaram novas problemáticas sobre a Mídia. Por exemplo, ainda na Escola de Frankfurt, o conceito de Unidimensionalidade enquanto cultura estandardizada da Mídia, que pratica a lógica ascensional e prima pela desrepressão sublimadora, segundo o discípulo Herbert Marcuse.⁴

4

Herbert Marcuse Trad. Álvaro Cabral. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar.
[N. do E.]

O debate sobre o papel pedagógico do efeito Ideológico prossegue até hoje, situando a ação da Indústria Cultural em torno de uma culpabilidade ou como bode-expiatório da sociedade performática, cuja competência é atualizar o culto do mercado, o que faz através do processo de identificação imaginária, de ego a ego, conforme seu discurso histórico.

Na Indústria Cultural, a Notícia tem um lugar central na produção de todas as suas mensagens e como a versão cultural dominante vem da Mídia, o foco cotidiano origina-se da Notícia.

A Notícia está para o Fato como o sol está para o dia, ao fazer nascer a Realidade cotidiana. É uma Versão privilegiada, que encadeia a atualidade do enredo histórico.

A Notícia traz a pauta da Mídia em seu traço espetacularizante, agendando-a em fontes autorizadas e personalizadas, marcando a hora em que o anônimo da massificação encontra no palco o roteiro de sua fala, como personalidade atraente de uma idolatria ou como um dia de sucesso de celebridade.

O que Guy Debord antecipou com 221 teses em *Sociedade do espetáculo* e aplicou no movimento Internacional Situacionista, nos anos 1960 e 70, pode ser vivido na rotina cotidiana. A separação e a passividade conjugam-se na sociedade de consumo, sendo o Espectáculo da Cultura das Mídias a ocupação total da mercadoria nas relações sociais. O domínio imagético de hipermídia possibilita ao infoentretenimento se estender para a economia, a política, a sociedade e o comportamento individual do dia a dia.

Esse acúmulo de Espetáculo resulta do Modo de Produção Capitalista, propiciando a transição do ser para o ter, depois parecer e o principal grau de ilusão são as mediações por imagens, mas hoje é a Realidade.

Jean Baudrillard, em *Simulacro e simulação*, tem a principal formulação de sua fase pós-moderna, quando desenvolveu a tópica da Ordem do Simulacro, que hoje se enuncia como hiper-real e também se encontra presente em todas as instâncias e práticas sociais. A Simulação define-se por fingir ter o que não se tem e a verdade, a referência e a causa objetiva deixam de existir.

Nesse mundo, os simulacros ocuparam o lugar da “realidade”, e o corpo e a subjetividade do ser humano foram drasticamente alterados pelas novas tecnologias (Kellner, 2001, p. 388).

A convergência entre os conceitos de Espetáculo e Simulacro na Realidade Midiática está na autonomia da representação do Real, que mesmo sem base concreta, remete-se às relações sociais capitalistas dominantes. A representação ocupou o lugar do Real como totalidade e faz mediação de todas as relações humanas, mas para

Baudrillard o grande simulacro é o consumo, depositando o Espetáculo nesse lugar.

A Notícia é o relógio sentimental do acelerado ritmo de produção do seu “acontecimento capital”. Constrói uma nova historiografia e apaga a história com a disputa de sentido dos Fatos no universo do Imaginário Oficial.

Essa nova historiografia é sincrônica e simula a ficção democrática de seus interlocutores. Ultrapassa a antiga perspectiva grega, saindo da esfera do dinástico e da aristocracia.

Seu relato ocupa a História em nome da Ideologia, que sendo uma de suas regiões, representa-se como um todo articulado. A vidraça ideológica assiste o sol nascer no tráfego informacional, que hoje, na Mídia, é tráfico da Notícia.

O conceito de Ideologia em Marx e Engels representa as idéias da classe dominante que exerce o domínio no contexto histórico. Em *Ideologia alemã*, os autores denunciaram os interesses particulares assumidos como gerais, desmistificando tal hegemonia de classe. Para Douglas Kellner, em *Cultura das Mídias*, nas últimas duas décadas o conceito de Ideologia passou a ser considerado reducionista por estar atrelado aos interesses econômicos ou de classes, não se voltando para outras formas de dominação. Ele recorda em sua análise sobre as teorias da comunicação midiática que:

O marxismo clássico de Marx e Engels, a II e a III Internacional tendiam a dar ênfase à primazia da economia e da política e a não dar atenção à cultura e à ideologia. No entanto, durante os 1920, Luckás, Korsch, Bloch e Gramsci ressaltaram a importância da cultura e da ideologia, e a Escola de Frankfurt e outras versões do marxismo ocidental também viram a importância da crítica da ideologia como importante componente da crítica da dominação. Os estudos culturais britânicos também, em seu período de formação, puseram o conceito de ideologia no centro do estudo de cultura e da sociedade, e uma de suas primeiras coletâneas de textos se chamava *On Ideology* (Kellner, 2001, p. 71).

Faz-se necessário estender o conceito de Ideologia e ampliar o entendimento sobre a cultura na Realidade (que é social). “Portanto, embora não haja uma só ideologia dominante unificada e estável, há pressupostos nucleares que diferentes grupos políticos mobilizam e põem em ação” (Idem, p. 78).

O relato descritivo de imparcialidade e objetividade discursiva levou Gilles Lipovetsky classificar de Midialiberalismo o papel social do jornalismo na cultura liberal contemporânea, distinguindo a democracia dos partidos políticos de massa da democracia do público.

Se o impacto da videosfera no espaço político é indiscutível, cabe perguntar se as suas consequências coincidem mesmo com o processo de corrosão do espaço público... Com a televisão, o espaço público é dominado pelas “figuras midiáticas” capazes de dominar as técnicas de comunicação... Naturalmente, os julgamentos e apreciações divergem, mas os indivíduos recebem agora informações pouco diferentes, seja qual for o partido de sua preferência (Lipovetsky, 2004, p. 82).

Gilles Lipovetsky destaca, em tempos de Midialiberalismo, que a crise democrática é inferior à de seu triunfo, sendo considerado agente de consolidação democrática, basta ver a não existência de outro projeto político nas sociedades liberais. “A mídia situa-se no pólo da moderação, não da excomunhão. Exaltando os Direitos do Homem e a tolerância, glorificando o bem-viver individual em detrimento das grandes militâncias” (Idem, p. 86).

Uma das questões que mais confunde a discussão sobre a democracia no Capitalismo é que seu material como registro da Realidade está na Ideologia iniciada pela Notícia, que abriga de maneira confortável o sentimento de demanda da isenta informação dos Fatos. Este conforto aposta na neutralidade da Notícia, legitimando Senhores da História no Ocidente.

Referências:

- Alsina, Miguel Rodrigo. *A Construção da Notícia*. Petrópolis: Ed.Vozes, 2009.
- Berger, Peter L. e Luckmann, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- Kellner, Douglas. *Cultura das mídias*. Florianópolis: EDUSC, 2001.
- Lipovetsky, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa*. Porto Alegre: Editora Meridional, 2004.
- Safouan, Moustafa. *Estruturalismo e Psicanálise*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1980.
- Traquina, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Volume 1 – Porque as notícias são como são. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.